



Os barracos sem instalação sanitária até o dia 30 serão multados em um salário mínimo

Pressões na invasão

Há multas de sobra, mas segurança e telefone fazem falta

Os moradores da favela Nova Divinéia, no Núcleo Bandeirante, estão preocupados com a decisão da administração Regional, de aplicar um salário mínimo de multa a todos os proprietários de barracos que não terminarem as instalações sanitárias até dia 30. Eles entendem que o prazo está muito curto e a maioria dos que ainda não melhoraram seus barracos não tem condição de cumprir imediatamente esta determinação da Administração Regional.

Segundo Hermelito dos Santos Romeiro este é apenas um dos problemas enfrentados pelos moradores do local, depois que a favela foi removida. "Não podemos negar que as coisas estão melhor agora, porque onde a gente estava antes a situação era precária. Aqui temos água e luz", afirma ele.

Com cerca de 300 barracos, alguns abrigando famílias com mais de 10 pessoas, Nova Divinéia sofre dos problemas comuns a todos os núcleos populacionais pobres, como a falta de policiamento, telefone e urbanização. Agora, os moradores temem que os problemas se agravem porque na próxima semana o prazo para o término das instalações sanitárias chega ao fim. "A mudança melhorou numas coisas mas piorou noutras", diz Hermelito. Trabalhando no seu emprego durante toda semana, ele afirma que só nos fins de semana sobra tempo para cuidar do barraco. O mesmo, ele garante, deve acontecer com muitos que até hoje mantêm privadas do lado de fora do barraco, por falta de tempo e principalmente de dinheiro. "O material de constru-

ção está muito caro e muita gente aqui não ganha sequer o salário mínimo", observa Hermelito.

A seu ver a melhor saída é a solicitação da dilatação do prazo através de um abaixo-assinado, dirigido a Administração Regional. Mas até isso fica difícil de organizar porque não existe por lá uma associação de moradores que possa representar a comunidade. "Seria bom que se fizesse uma reunião e se discutisse todos os problemas, para depois apresentá-los às autoridades", diz ele.

ARGUMENTOS

José Roberto da Conceição, outro

morador apreensivo com o problema, já fez alguns pedidos junto "à prefeitura", como ele diz, mas seus argumentos não foram aceitos. "Eles disseram que vão multar a primeira vez e se o serviço não for feito, multarão a segunda", afirma. Ele entende que uma associação de moradores faz falta, porque se alguém tem problemas hoje, cada um tem que falar por si. Os problemas são muitos e o que todos desejam, segundo ele, é que a comunidade viva sossegada. O policiamento é pouco, só aparece por lá quando alguém chama, e às vezes nem assim. Apenas um orelhão no local é muito pouco, segundo afirma, porque às vezes as pessoas são forçadas a esperar sua vez em enorme fila. "Era necessário pelo menos dois orelhões e um policiamento mais frequente".

Com pouco menos de um ano de mudança, Nova Divinéia só pode contar mesmo como melhoria as instalações elétricas e de água na opinião dos moradores. Hermelito conta que até hoje, em razão do baixo poder aquisitivo da maioria dos moradores, muitos só conseguiram levantar a metade do barraco. Ele diz que nem todos podem pagar 6 mil cruzeiros por uma folha de madeirite. A mesma quantia é cobrada por um rolo de fio para as instalações elétricas. A telha custa 600 cruzeiros cada uma e um poste de luz — que cada dono de barraco tem que comprar — está em torno de 18 mil cruzeiros. E o pior de tudo é que muitos ficam num beco sem saída, porque não podem vender o barraco, se não tiverem condição de construir.



Francisco Gualberto

Lavar louça, tarefa difícil